

Corpos Informáticos: “Esqueci meu guarda-chuva”

Corpos Informáticos : “J'ai oublié mon parapluie”

Maria Beatriz de Medeiros¹
Natasha de Albuquerque²
Universidade de Brasília

Resumo

O texto Corpos Informáticos: "Esqueci meu guarda-chuva" trata de performances de rua realizadas pelo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos durante os anos 2015 e 2016. A análise é feita tendo como ponto de partida um texto de Jacques Derrida sobre uma anotação de Nietzsche: "Esqueci meu guarda-chuva". Nos indagamos sobre o guarda-chuva entendido como arte, como ser e como grupo.

Palavras-chave

Corpos Informáticos; performance; guarda-chuva; Jacques Derrida.

Resume

Le texte "Corpos Informáticos: "J'ai oublié mon parapluie" analyse des performances faites par le Groupe de Recherche Corpos Informáticos au cours des années 2015 et 2016. L'analyse est faite en prenant comme point de départ un texte de Jacques Derrida sur une note de Nietzsche "J'ai oublié mon parapluie." Nous nous interrogeons sur le parapluie compris comme art, comme étant et en tant que groupe.

Mots-clés

Corpos Informáticos; performance; parapluie; Jacques Derrida.

¹ É pesquisadora em Artes e artista. Doutora em Artes e Ciências da Arte (Paris 1, Sorbonne), Pós-doutora em Filosofia (Collège International de Philosophie, Paris) e Arte e tecnologia (UFRJ, RJ). Coordenadora o grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 1992. Pesquisadora do CNPq. Grafiasdebiamedeiros.blogspot.com.br; Corpos.org; corpos.blogspot.com; vimeo/corpos; Performancecorpopolitica.net.

² Bacharela, Licenciada e mestranda em Artes na Universidade Brasília. Membro do Corpos Informáticos desde 2013. natashadealbuquerque.hotglue.me

O que são guarda-chuvas? O que guardam? O que deixam molhar? A mais antiga referência a um guarda-chuva é chinesa e data do século I. O imperador Wang Mang, fundador da dinastia Xin, o teria concebido como guarda-chuva/guarda-sol, já com articulações e a ser fixado em charrete. Uma pesquisa rápida parece indicar que os primeiros guarda-chuvas eram símbolos de nobreza e, muitas vezes, utilizados em cerimônias religiosas.³

Guarda-chuva é um objeto articulado produzido com pano impermeável (véus, dobras), hastes de metal (varetas) que formam a armação, cabo, pinos e costura. Há, ainda, um sistema que coaduna estas partes e permite o fechamento e manter esse fechamento. É instrumento maquínico e podemos dizer que ele se comporta como grupo, coletivo, cambada. Podemos entender o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos como um guarda-chuva, ou vários. Quando chove, os guarda-chuvas são sempre muitos.



Fig.1. Emballages, objets, personnages 2, 1967. Óleo, colagem, linho. 195/140 cm. Exposição: The Gallery of 20th Century Polish Art.⁴

³ <http://wol.jw.org/fr/wol/d/r5/lp-t/102003526>

⁴ <http://www.imnk.pl/gallerybox.php?dir=XX157&more=1&lang=EN>

Tadeusz Kantor utiliza o guarda-chuva em seus desenhos e pinturas, como objeto cênico, como roupa e afirma: "O guarda chuva é uma embalagem metafórica específica [...] ele encerra em si a poesia, a intimidade, a perplexidade, a fraqueza, o desinteresse, a esperança, o ridículo." E prossegue, "o guarda-chuva é também o circo, o teatro." (2008: 56) Sendo assim, seria a arte, também, guarda-chuva. Arte seria guarda-chuva?

... EMBALAGEM!...
E eis que
_ no momento seguinte _
sem a menor piedade,
rejeitam-no [algo, a embalagem] e o condenam,
ao desprezo,
ao esquecimento,
à abjeção
[...]
... EMBALAGEM!...
(KANTOR, 2008: 46)

Kantor está se referindo ao esquecimento de embalagens e conseqüentemente, entendendo o guarda-chuva como embalagem, ao esquecimento do guarda-chuva.

Segundo Jacques Derrida, no livro *Esporas: Os estilos de Nietzsche* (2013: 93), "Entre os fragmentos inéditos de Nietzsche encontram-se estas palavras sozinhas, entre aspas: 'Esqueci meu guarda-chuva.'"⁵ Vale ressaltar que o texto foi escrito por Nietzsche, com sua letra, no entanto, foi escrito entre aspas, como se não fosse um texto seu, sendo, talvez, um texto seu, conforme Derrida. Note-se que essa frase é apenas um fragmento, escrito à margem de seus textos e que Derrida salienta que Roger Laporte qualificava tal fragmento de texto como "resíduo" colocando-o no mesmo patamar das "notas de lavanderia" de Nietzsche. Mas Derrida propõe uma "decriptagem 'psicanalítica'" para guarda-chuva

Sabe-se ou acredita-se saber qual é a figura simbólica do guarda-chuva: por exemplo, a espora hermafrodita de um falo pudicamente redobrado em seus véus, órgão, por sua vez, agressivo e apotropaico, ameaçador e/ou ameaçado, objeto insólito que não se acha todos os dias por um simples encontro com uma máquina de costura sobre a mesa de castração (2013: 99).

Essa passagem de Derrida é incrível: forma simbólica, falo, véus, órgão, "objeto insólito que não se acha todos os dias por um simples encontro com uma máquina de costura sobre a mesa de castração." O livro expõe, explora, invade, ousa invadir a questão da mulher, do feminino. Não trataremos aqui da mulher nem do homem, nem do feminino, nem do masculino. "*Não houve nunca o estilo, o simulacro, a mulher. Nem a diferença sexual.*" (DERRIDA, 2013: 105). Não houve nunca homem, conseqüentemente.

O foco do presente artigo é a frase: "Esqueci meu guarda-chuva", onde guarda-chuva, além da citação acima, é "resto", "restança", "escritura como restança" (2013).

⁵ "Aforismo classificado com a nota 12, 175, trad. fr. de *A Gaia Ciência*, p. 457. NA." Nota de rodapé número 51 de *Esporas: Os estilos de Nietzsche*. Trad. R. Haddock Lobo e C. Rodrigues. Rio de Janeiro: NAU, 2013.

Esta restança não é arrastada em nenhum trajeto circular, nenhum itinerário próprio entre sua origem e seu fim. Seu movimento não tem centro. Estruturalmente emancipada de todo querer-dizer vivo, ela pode sempre nada querer-dizer, não tem nenhum sentido decidível, jogar prodigamente com o sentido, exilar-se pela escrita, sem fim, para fora de todo corpo textual ou de todo código finito. (2013: 100-101)

E Derrida prossegue esticando o fio da leitura de Nietzsche até o ponto nevrálgico da possível ruptura, como é seu *estilo*. “Nunca se poderá dispensar a hipótese [...] de que a totalidade do texto de Nietzsche seja, talvez, enormemente do tipo 'eu esqueci meu guarda-chuva'.” (2013:102) E repito: “A totalidade do texto de Nietzsche” “do tipo 'eu esqueci meu guarda-chuva’” é uma tremenda ousadia de Derrida, da qual gosto muito. E ele não para por aí: “como se o ser [...] fosse o guarda-chuva que a distração de um professor tivesse abandonado em alguma parte.” (2013: 110) E repito: “como se o ser [...] fosse o guarda-chuva.”

Aquele que esquece o guarda-chuva, pode-se dizer, em linguagem coloquial, que, nesse momento, ele estava boiando (sem nada entender).

Corpos Informáticos

Desde 2014, o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos⁶ denomina suas ações de rua, realizadas desde 1992, Composição Urbana, ou simplesmente C.U. Arte pode ser intervenção urbana ou interferência urbana. Corpos Informáticos quer, e prefere, o termo, “composição urbana”. A composição urbana não interfere nem intervém, compõe e decompõe com o corpo próprio, com o corpo do outro, com vários corpos, com dança, com o espaço dito “público”, com a internet.

Deleuze assim comenta Spinoza:

Cada vez que um corpo encontra outro, há relações que compõem e relações que decompõem [...]. Mas a natureza combina todas as relações em um só tempo. Logo, na natureza, em geral, o que não para é que todo tempo há composições e decomposições de relações.(DELEUZE, 1981: s. p.)⁷

O artista, no mundo, é vida, participa da vida, desperta vida nos centros urbanos, nas pessoas-robôs e permeia os porquês compondo/decompondo, em um con-tato improvisado. O artista modificando a *urbis*, seja física ou virtualmente (internet), compõe e decompõe. A composição urbana evidencia o delírio que a cidade-sociedade passa e passa correndo, só vendo, sem ouvir, tocar ou massagear. Compor é massagear, manusear, sentir os espaços,

⁶ Corpos Informáticos é grupo de pesquisa em arte contemporânea: composição urbana, performance, videoarte, webarte. www.corpos.org; www.corpos.blogspot.com.br; www.performancecorporopolitica.net (talvez o maior site de performance realizado a partir do Brasil); www.facebook.com/corposinformaticos; vimeo.com/corpos. Compõem atualmente o Corpos Informáticos: Ayla Gresta; Bia Medeiros; Bruno Corte Real; Diego Azambuja; Gustavo Silvamaral; João Stoppa; Maria Eugênia Matricardi; Mariana Brites (Alla Soub d'Nadah); Mateus de Carvalho Costa; Matheus Opa; Natasha de Albuquerque; Romulo Barros; Thiago Marques, ZMário.

⁷ “Chaque fois qu'un corps en rencontre un autre, il y a des rapports qui se composent et des rapports qui se décomposent [...]. Mais la nature, elle, combine tous les rapports à la fois. Donc dans la nature, en général, ce qui n'arrête pas, c'est que tout le temps il y a des compositions et des décompositions de rapports”. DELEUZE / SPINOZA. Curso de Vincennes, 13/01/1981. webdeleuze.com

permeá-los. Aí implantar desvios, rios, meandros antes invisíveis, talvez esquecer o guarda-chuva, talvez encontrá-lo, talvez boiar, querer estar boiando, talvez desfi(L)ar. Compor/decompor, para Corpos Informáticos é ser arte, despretensiosamente, é fuleirar (*sic*) de maneira mixuruca, vagabundear na política, sem partido, sem camisa, com vento, fazendo evento.

Somos maria-sem-vergonha, ou melhor mar(ia-sem-ver)gonha. Vamos sem ver, queremos mar()gonha. Nos interessa valorizar os outros sentidos em detrimento da super valorizada, pela sociedade hiperindustrial, visão. Performances buscam os outros dez sentidos⁸ e não o sentido: “ela pode sempre nada querer-dizer.” (DERRIDA, 2103: 100-101) Mar(ia-sem-ver)gonha não são nem macho nem fêmea, nem dobra nem véu, nem arma nem proteção, nem ventre nem *phallus*, na urbis e no mato, individualmente, mas preferencialmente em grupo, bando, cambada, escambo. E nos perguntamos, com Derrida, se não somos apenas guarda-chuva ou guarda-chuvas esquecidos “que a distração de um professor tivesse abandonado em alguma parte”, por estar boiando.



Fig.2. Participação de Corpos Informáticos na peça Ultra-romântico (Grupo Liquidificador), Teatro Dulcina de Moraes (subsolo), abril, 2016. Na foto (da esquerda para a direita): Alla Soub, Ingrid Kaline, João Stoppa, Thiago Marques, Natasha de Albuquerque, Romulo Barros, Gustavo Silvamaral, Matheus Opa, ZMário, Ayla Gresta, Bia Medeiros, Bruno Corte Real.

⁸ Corpos Informáticos afirma que existem 11 sentidos, além do sentido (sentido da palavra ou do pensar, da lógica, do falologocentrismo). Quantos sentidos você, leitor, tem? Audição, equilíbrio, intuição, movimento, paladar, propriocepção, olfato, tato, tesão, visão...

Corpos Informáticos precisa ser meio máquina, na *urbis*, meio instrumento com partes conectadas, ligadas por uma liga (varetas, costura), meio véu (pano impermeável do guarda-chuva) que implica que, a cada movimento de um, todas as peles dos outros se sensibilizam e se movem junto. Rejunte não: sistema vivo, articulado: guarda-chuva esquecido, boiando, como em "Tô boiando".

Desfi(L)ando, outros fios e bóias



Fig. 3. *Desfi(L)ando*. Performer: João Stoppa. Frame de vídeo. Câmera Bia Medeiros. Campinas, 2015.

Em dezembro de 2014, Corpos Informáticos organizou a exposição/evento *Birutas (e) vento*, na galeria Espaço Piloto, Brasília.⁹ Em uma das 5 "vernissages que fizemos, em determinado momento, quando havia o Grupo Algodão Choque se preparando para tocar e com música tocando alto, João Stoppa se colocou a dançar, insistentemente dançar. Logo, aos poucos,

⁹ MEDEIROS, M.B. CORPOS INFORMÁTICOS: BIRUTAS (E) VENTO, In *24º Encontro Nacional da ANPAP*, 24, 2015, Santa Maria (RS). Anais, ANPAP, UFSM, 2015, p. 1461-1475. Disponível em http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/maria_beatriz_de_medeiros.pdf. Acesso em Abril 2016. Ver também http://corpos.blogspot.com.br/2015_02_01_archive.html

outros membros do Corpos foram percebendo seu movimento e juntando-se a ele. Em breve, todo o Corpos e outros estavam dançando uma dança livre, sem nexos, sem saber, sem ritmo, sem estar junto, sendo célula dançante tomando toda a calçada em frente à galeria. A essa ação, dançar como entendemos que Nietzsche sugeriu, chamamos *a posteriori* Desfi(L)ando. "Corpos Informáticos e os corpos outros (Corpos Expandidos, nome que damos a agregados temporários, amantes, participantes eventuais ou fã), que estavam no local, se uniram ao processo dançando, consolidando a ação enquanto potência, desafiando espontaneidade e o deleite do fluxo do grupo", afirmou Stoppa.

No início de 2015, fomos convidados a realizar performances no SESC Campinas e João Stoppa, novamente, fez a proposta de desfi(L)ar, caminhar dançando por espaços pouco visitados, investidos, em movimentos aparentemente desconexos, pouco próprios, soltos.

O Desfi(L)ando, aqui, ocorreu em um contexto urbano saturado (impessoal) com ruas movimentadas e pessoas apressadas. Desafiou o cotidiano. Enquanto dançava, com fones de ouvido, em ruas comerciais do centro de Campinas, os vendedores e transeuntes, intercalavam anúncios e ofensas, o que potencializava a repulsa ao corpo com pujança que foge do costumeiro. (STOPPA, inédito).

Aqui (fig.3), João dançou com fones de ouvido, por cerca de 15 minutos,¹⁰ percorrendo quase 1 Km. Houve estranheza, risos, muitas fotos de transeuntes, comentários agressivos. A câmera, operada por Bia Medeiros foi, de certa forma, segurança.

A partir deste momento foi proposto à Stoppa que o Corpos Informáticos incorporasse essa prática: dançar, como Nietzsche sugeriu:

Pelo canto e pela dança, o homem manifesta seu pertencimento à uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar e, dançando, ele está a ponto de voar nos ares. Seus gestos dizem seu feitiço [...] ele se sente deus, ele circula extasiado, elevado, assim como ele viu em seus sonhos andarem os deuses. O homem não é mais artista, ele tornou-se obra de arte: o que se revela, aqui, na emoção da embriaguez, é em vista da suprema volúpia e da calma do Um originário, a potência artista da natureza inteira. (NIETZSCHE, 1989: 45, tradução da autora.)¹¹

Lendo este trecho de Nietzsche percebemos que, quando ele se refere à dança e a específica, faz questão de diferenciá-la da dança militar (marcha de tropas) e do balé. Então, vislumbramos uma criança de cerca de 5 anos, andando de mãos dadas com a mãe e andando com movimentos descompassados, saltitantes, como que tendo a intenção de gastar o sapatos. E, neste vislumbrar, entendemos o que denominamos "dançar como entendemos que Nietzsche sugeriu" (embora tenhamos concluído por nossos próprios caminhos o que Nietzsche talvez tenha sugerido): andar sem dar um passo igual ao outro,

¹⁰ <https://vimeo.com/138778182>

¹¹ Par le chant et la danse, l'homme manifeste son appartenance à une communauté supérieure : il a désappris de marcher et de parler et, dansant, il est sur le point de s'envoler dans les airs. Ses gestes disent son ensorcellement. [...] il se sent dieu, il circule lui-même extasié, soulevé, ainsi qu'il a vu dans ses rêves marcher les dieux. L'homme n'est plus artiste, il est devenu œuvre d'art : ce qui se révèle ici dans le tressaillement de l'ivresse, c'est, en vue de la suprême volupté et de l'apaisement de l'Un originaire, la puissance artiste de la nature tout entière. NIETZSCHE, La Naissance de la tragédie. (Leipzig, E. W. Fritsch, 1872). Paris: Éd. Gallimard, 1989, trad. HAAR, LACOUÉ-LABARTHE, NANCY, p.45.

dançar sem ser em linha reta, procurar os abismos ignorados dos espaços existentes, isto é, sugerir um outro estar no espaço, um outro espaço no (est)ar: desfi(L)ar, desfiar, desafiar, talvez tirar o fio de tanta agressividade com uma outra dança.



Fig.4. Desfi(L)ando com Luisa Gunther e Ary Coelho. Evento Dança XYZ. Do CONIC à rodoviária. Brasília, 2016.

Desfi(L)amos em Taguatinga, em 2015, sem som algum, vestidos com roupa de U.T.I. e chamamos essa ação: *Urbanóides Transitam o Inexistente* (U.T.I.): de metrô da Asa Sul à Taguatinga, um percurso de 1 km em Taguatinga e retorno de metrô, isto é cerca de 3 horas em performance.¹² Desfi(L)amos, em outubro, no Rio de Janeiro apenas com detalhes vermelhos na roupa, de Ipanema, de metrô, até o Largo do Machado e em seguida a pé até a Praça São Salvador. Aqui muitos vieram compor conosco: amigos, primos, Alex Hamburger, Raphael Couto, Suely Farhi, crianças e mendigos. O Corpos Informáticos estava representado apenas por 4 pessoas. Não havia música e quando houve (roda de Samba da praça) nos mantivemos parados, estátuas no meio do povo dançando. A ação durou cerca de 2 horas.

Desfi(L)amos, sem som, com muitos, no ICC da Universidade de Brasília, por quase duas horas, com algum toque de vermelho na roupa e muitos participantes espontâneos. Desfi(L)amos sem som, com cachos de pedaços de casca de mognos vestidos parcialmente de vermelho em São Paulo durante o evento Perfor 6 (Associação Brasil Performance). Desfi(L)amos com Luisa Gunther e Ary Coelho durante o evento Performance Corpo Política¹³ organizado pelo Corpos Informáticos na rodoviária de Brasília, sem som, com

¹² <https://vimeo.com/159271747>

¹³ Performancecorpopolitica.net

cachos de mognos, e durante o evento Dança XYZ, sem som vestidos parcialmente de amarelo e preto.¹⁴



Figs.5. Jorge Schutze e Corpos Informáticos com guarda-chuvas; Fig.6. Evento Dança XYZ. Brasília. Foto: Produção do evento.

Em 27 de fevereiro de 2016, Desfi(L)amos com Jorge Schutze (13/12/1963 - 29/02/2016), também, no evento Dança XYZ. Aqui, a proposta de Schutze era perguntar às pessoas se elas queriam que ele dançasse para elas. Ao aceitarem, se punha a dançar por tempo indeterminado, para aquela pessoa. Neste, seu penúltimo dia de vida, dançou por cerca de 3 horas. Apenas desfi(L)amos ao longe, dançando, com guarda-chuvas e parcialmente vestidos de azul, sua cor preferida para performances, observando-o.

Desfi(L)amos em Goiânia no evento Roçadeira, 2015, com cadeiras brancas e vestidos parcialmente de preto.¹⁵ E desfi(L)amos no Congresso Nacional.¹⁶ Aqui agendamos uma visita e, sem guia, desafiamos a ordem na dita Casa do Povo até sermos expulsos. Talvez não fossemos povo, mas apenas guarda-chuvas não desmemoriados da história recente e a vir do Brasil 2015.

¹⁴ <https://www.facebook.com/mostradedancaxyz/>

¹⁵ http://corpos.blogspot.com.br/2015_12_01_archive.html

¹⁶ <https://www.facebook.com/CorposInformaticos/> Postagens dos dias 13 a 17 de abril de 2016.

Desfi(L)amos também a partir da proposta Oficina de Niilismo (também conhecida como "Tô boiando")¹⁷, feita por Natasha de Albuquerque, ao Corpos Informáticos e Corpos Expandidos, durante o evento Performance Corpo Política, Brasília, 2015¹⁸, no evento DADA Spring - 100 anos de Dadaísmo, Goiânia, 2016.



Figs 7-8. Desfi(L)ando no Congresso Nacional. Brasília, 2015. Foto: Mateus de Carvalho Costa.

A proposta consiste em uma oficina de nadar no nada. Nada de aprofundamentos epistemológicos. Abando-nada, porém ao bando tudo. Nada de nada. Nadamos no silêncio ouvindo vozes, boiada. Clamamos pelos espaços que não são nada, chamamos quem não é ninguém, somos ninguém, chamamos o outro ao nado e à nada, pois há nada, evocamos ruídos nos passos estranhos de um "Balé" de Bóias. "Tô boiando", dizem, disseram.

As bóias, de diversas cores e formas, foram propostas ao grupo sem que a intenção fosse dita. Rapidamente nos vestimos de bóias e saímos boiando, desfi(L)ando, deslisando na paisagem, como guarda-chuvas esquecidos "tomados por mãos alheias". Nada entendemos, intuímos e fomos. Nada entendemos e não entendemos nada por não precisar saber ou entender. "Ela pode sempre nada querer-dizer, não tem nenhum sentido decidível." (DERRIDA, 2013: 100-101)

¹⁷ A Oficina de Niilismo ou Tô boiando foi proposta por Natasha de Albuquerque, ainda, durante o XX ENEArte, Bras(ília), 2016 e o evento Corpus Urbis (Naldo Martins e Cristiana Nogueira), Macapá, 2015.

¹⁸ O evento Performance Corpo Política, Brasília, 2015, foi um dos eventos de mesmo nome, organizado pelo Corpos Informáticos, Fotos e vídeos estão disponíveis em www.performancecorpopolitica.net.

Bóias no metrô, bóias na cidade, bóias na feira são "objeto insólito que não se acha todos os dias. (Derrida). O desfi(L)ar ou boiar aqui também é restança, como afirmamos anteriormente "nenhum trajeto circular, nenhum itinerário próprio entre sua origem e seu fim. Seu movimento não tem centro" (idem).

"Tô boiando": gíria "brasileira para momentos incompreensíveis, ou momentos em que não se sabe o que está sendo dito e não há, a seguir, esforços para entender. A sensação de estar boiando pode ser vista por terceiros como a expressão "cara de paisagem" onde se olha, mas não se vê. O ato de boiar, aqui, é proposto no ar: corpo que boia no vento, olha, mas não vê e se torna paisagem.



Fig.9. Oficina de Niilismo. Dada Spring, Goiânia, 2016.

Boiadores e desfi(L)antes nadam no nada, assim como guarda-chuvas esquecidos, perdidos, pervertidos, desperdiçados, *extra-viados*. Boiadores fazem composição urbana, não interferem nem intervêm, compõem e decompõem com o corpo próprio, com a bóia, com o corpo do outro, com o corpo dos outros, com o espaço dito "público".

"A Composição Urbana não é nada, ela pode ser tudo aquilo que, em espaços de circulação pública, renova o sentido cotidiano (...)"
(ALBUQUERQUE & MEDEIROS, 2013: 29)



Fig.10. Oficina de Niilismo. Evento Performance Corpo Política. Brasília, 2015.

Guarda-chuvas

Nestas produções de C.U. "o ser tem seu lugar no movimento que faz advir a si próprio." (DERRIDA, 2013, nota 50: 90) São performances que buscam "sempre nada querer-dizer." (*idem*, 2013: 100-101) Elas invertem a lógica do mundo hiperindustrial futricando o cotidiano, cutucando as feridas dos corpos homogeneizados, encostando na tangente do que não pode ser dito, desafiando o equilíbrio instável de verdades inexistentes, provocando riso ou incomodo, incomodando os *a-cômodo-dados*, inspirando o ar poluído para devolver dança, desfile que tira o fio, desafia.

Aqui o sorriso espanca o concreto e o asfalto: ironia e fuleragem, píffio e obnoxio, vagabundo e vaga bunda, bôia na *urbis* ou guarda-chuva esquecido. "O guarda chuva é uma embalagem metafórica especifica [...] ele encerra em si a poesia, a intimidade, a perplexidade, a fraqueza, o desinteresse, a esperança, o ridículo" (KANTOR, 2008: 56) e, quiçá, Corpos Informáticos.

Com Derrida sugerimos que talvez toda a produção do Corpos Informáticos seja do tipo "eu esqueci meu guarda-chuva" e que cada um de nós, Corpos Informáticos, talvez seja guarda-

chuva. Talvez sejamos muitos guarda-chuvas, pois, quando chove, os guarda-chuvas são sempre muitos.

Referências

- DELEUZE / SPINOZA. Curso de Vincennes, 13/01/1981.webdeleuze.com
KANTOR, Tadeusz. *O teatro da Morte*. São Paulo: Perspectiva/ edições SESC-SP, 2008.
Medeiros, M.B. e Albuquerque, Natasha de. "Composição urbana: surpresa e fuleragem". Publicado no catálogo *Palco Giratório: circuito nacional*. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2013. Disponível em <http://grafiasdebiamedeiros.blogspot.com.br/2014/05/composicao-urbana-surpresa-e.html>. Acesso em mai. 2016.
MEDEIROS, M.B. CORPOS INFORMÁTICOS: BIRUTAS (E) VENTO, In *24º Encontro Nacional da ANPAP*, 24, 2015, Santa Maria (RS). Anais, ANPAP, UFSM, 2015, p. 1461-1475. Disponível em <http://anpap.org.br>. Acesso em Abril 2016.
NIETZSCHE, *La Naissance de la tragédie*. (Leipzig, E. W. Fritsch, 1872). Paris: Éd. Gallimard, 1989.

Artigo recebido em junho de 2017. Aprovado em outubro de 2017.